

ASSESSORIA PSICOLÓGICA A ORGANIZAÇÕES SOLIDÁRIAS

Alessandra Souza Muller, Fernanda Spegiorin Pereira

Acadêmica do Curso de Psicologia da UFSC

Maria Chalfin Coutinho, Dra.

Professora do Departamento de Psicologia da UFSC (Coordenadora)

chalfin@mbox1.ufsc.br

Resumo

Este artigo relata a experiência de um projeto de extensão desenvolvido em 2002, com o objetivo de contribuir para a consolidação de organizações solidárias de trabalhadores. Foi realizada uma intervenção em uma cooperativa de costureiras e foram contatados outros coletivos solidários e entidades de apoio. Os resultados alcançados permitiram destacar a importância do fortalecimento dos vínculos grupais, do desenvolvimento de estratégias de intervenção psicológicas adequadas à realidade das organizações solidárias e da integração da universidade com a comunidade.

Palavras chave: Organizações Solidárias, Psicologia do Trabalho, Vínculo Grupal.

Introdução

O mundo do trabalho vem passando por grandes transformações nas últimas décadas. A chamada globalização (mundialização do capitalismo) gerou uma série de mudanças na ordem econômica mundial, com profundas repercussões nas relações industriais dos diferentes países. Neste contexto de mudanças foi possível observar uma intensa reestruturação produtiva, na busca de substituir os clássicos padrões produtivos, associados principalmente ao taylorismo/fordismo, por novos padrões de acumulação flexível, que possibilitassem a recuperação de níveis anteriores de expansão do capital (Antunes, 2000).

A reestruturação produtiva trouxe conseqüências significativas para os trabalhadores. Entre estas conseqüências é possível destacar a questão do desemprego e da precarização das relações de trabalho, dois fenômenos profundamente associados (Mattoso, 1999; Singer, 2000; Pochmann, 2001).

O acentuado crescimento do desemprego, observado em diferentes países a partir da crise estrutural do capitalismo, foi sentido mais fortemente no Brasil depois de

1990, com a abertura do mercado interno às importações. Entretanto, para Singer (2000) o desemprego pode ser considerado como:

“...como uma espécie de ponta de um iceberg muito maior, qual seja, a deterioração das relações de trabalho. Esta deterioração não pode ser atribuída unicamente nem principalmente à abertura de mercado. É que junto com a abertura, nossos governos desregulamentaram o comércio externo e o sistema financeiro, extinguíram o controle dos preços e criaram uma âncora cambial para estabilizar preços que tornou o Brasil dependente de maciças entradas de capital externo. O resultado destas mudanças tem sido a elevação do desemprego e subemprego em todas as suas formas e o agravamento da exclusão social” (p. 7)

O mesmo autor alerta para o fato de que vem sendo empregada política fiscal e monetária que visam manter uma relativa estabilidade de preços, evitando o “aquecimento” exagerado da economia, “...o que na prática implica em manter uma generosa margem de sobre-oferta da força de trabalho. Neste sentido, o desemprego não é um ‘mal’ mas um efeito funcional de políticas estabilizadoras exitosas.” (Singer, 2000, p.13)

Dentro do contexto de crise e desemprego, com a ampliação de diferentes formas de exclusão social, vêm sendo buscadas alternativas que possam garantir a sobrevivência das camadas mais atingidas da população. Entre as estratégias de sobrevivência cabe destacar a ampliação e o desenvolvimento de organizações populares, fundadas nos princípios da solidariedade, constituindo, assim, alternativas de trabalho e geração de renda para trabalhadores excluídos do mercado de trabalho formal ou informal.

As novas formas de organizar o trabalho, concretizadas nas organizações solidárias, são experiências recentes que visam essencialmente gerar possibilidades de renda para um contingente expressivo de trabalhadores, abrindo espaço para a reinserção social e o resgate de direitos e da cidadania daqueles que engajam nas organizações solidárias.

A análise das experiências concretas dos coletivos solidários abriu um novo campo de investigação interdisciplinar. Os estudiosos neste campo, particularmente no que vem sendo conhecido como a chamada economia solidária, divergem tanto no que diz respeito aos conceitos, como ao alcance destas experiências. Singer (2000) considera este tipo de experiência como:

“...um projeto de organização sócio-econômica por princípios opostos ao *laissez-faire*: em lugar da concorrência, a cooperação; em lugar da seleção darwiniana dos mecanismos de mercado, a limitação - mas não eliminação! - destes mecanismos pela estruturação das relações econômicas solidárias entre produtores e consumidores.”(p. 9)

O mesmo autor apesar de afirmar que a economia solidária não se constitui como uma panacéia para a exclusão social, visto ser este um fenômeno inerente ao capitalismo, a considera como uma alternativa prática e factível para este modo de produção no atual momento histórico.

Machado e Ribas (2001) fazem uma leitura mais crítica em relação às experiências e, particularmente, às análises teóricas que apontam para o potencial emancipatório da economia solidária. Apesar desta crítica os autores consideram que:

“...aglutinar trabalhadores urbanos excluídos pelo capitalismo em torno de iniciativas que, ao menos potencialmente, e pelo menos por algum tempo, possa lhes garantir a possibilidade de algum trabalho e alguma renda; trabalhar para consorciar de alguma forma pequenos produtores rurais incapazes de promover sua reprodução social, são tarefas que a universidade tem o dever de prestar sua solidariedade.” (p. 9)

Compartilhamos da visão que questiona o potencial emancipatório dos coletivos solidários, mas os considera como alternativas viáveis de sobrevivência e geração de renda, diante da crise de emprego. Sendo assim acredita-se que é papel da universidade estimular a criação e facilitar o desenvolvimento de organizações solidárias, por isto foi implantado o projeto de extensão “Assessoria Psicológica a Organizações Solidárias”.

Este projeto buscou resgatar conhecimentos e técnicas de intervenção desenvolvidas no campo da Psicologia Social e do Trabalho, adaptando-as para a intervenção em associações, cooperativas e outros coletivos solidários de trabalhadores. Desta forma, pretendeu-se contribuir para a consolidação de alternativas de trabalho e renda, estimulando os trabalhadores no desenvolvimento da solidariedade e da autonomia. Ao mesmo tempo em que buscamos apoiar as iniciativas solidárias, também tínhamos como objetivo a capacitação dos futuros profissionais em Psicologia para atuar junto ao novo contexto do mundo do trabalho, fortalecendo a articulação entre teoria e prática na universidade.

Material e Métodos

As atividades deste projeto de extensão foram organizadas sobre dois focos. O primeiro foi uma intervenção em uma cooperativa de costureiras – localizada na parte continental da cidade de Florianópolis. O segundo foco foi o contato com outras

organizações solidárias, bem como entidades e grupos de apoio a estas organizações, dentro e fora da UFSC.

A intervenção na cooperativa de costureiras deu-se como continuidade a um trabalho de diagnóstico grupal realizado durante o segundo semestre de 2001, tendo como instrumento de levantamento de dados entrevistas individuais semi-estruturadas. Através deste diagnóstico foi possível detectar a necessidade de fortalecimento do vínculo grupal entre as cooperadas, a partir daí foram planejadas reuniões quinzenais, utilizando-se técnicas de dinâmica de grupo para trabalhar os seguintes temas pertinentes ao momento do grupo: apresentação e integração, vínculo, confiança, comunicação e feedback, cooperação e competição, normas e regras.

Paralelamente às atividades grupais propostas pela equipe de extensão, que aconteceram ao longo do primeiro semestre de 2002, as bolsistas tinham contato semanal com as integrantes da cooperativa, buscando auxiliá-las em suas atividades cotidianas e participando de reuniões e assembleias organizadas pelas cooperadas. Este contato com as cooperadas revelou demandas que requeriam outros conhecimentos não pertinentes ao campo específico da Psicologia. Na continuidade da intervenção na cooperativa, durante o segundo semestre, foram contatados outros profissionais que pudessem responder às demandas das costureiras.

A cooperativa apresentava uma série de dificuldades administrativas e financeiras, tendo nossa equipe buscado o apoio de um técnico da ANTEAG (Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária), para assessorar as cooperadas neste campo. As bolsistas participaram de reuniões entre as cooperadas e este técnico. Também foram feitos contatos com professores do curso de Moda da UDESC com vistas ao estabelecimento de uma consultoria na área de produção de moda e de estilismo. Apesar de não ter sido possível efetivar uma assessoria direta com alunos deste curso à cooperativa, uma das bolsistas, que era também graduanda em Moda, trouxe material para oferecer subsídios às sócias da cooperativa.

No segundo foco do trabalho, foram contatadas entidades que assessoram cooperativas e outros coletivos de trabalhadores, como a: ANTEAG (Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária) e OCESC (Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina), buscando

identificar organizações solidárias que pudessem ser visitadas por nossa equipe. A primeira entidade não possuía um cadastro, já a segunda aglutinava um número extenso de cooperativas, embora a maior parte delas fosse de grande porte, não se adequando aos propósitos do presente projeto de extensão. Também foi possível contatar núcleos e pesquisadores da própria UFSC, que desenvolvessem projetos de pesquisa e/ou extensão no campo da Economia Solidária, o que permitiu a troca de informações.

A partir dos contatos com entidades dentro e fora da UFSC foi elaborado um questionário para levantamento de informações junto a organizações solidárias. As limitações de tempo e recursos financeiros permitiram a visita de cerca de seis organizações, sendo que com uma delas foi possível estabelecer uma parceria, que possibilitou uma intervenção desenvolvida na continuidade deste projeto em 2003.

Resultados e Análise

Nossa expectativa de que seria necessário construir um novo modelo de intervenção psicológica pautado nos conhecimentos da Psicologia Social e do Trabalho mostrou-se pertinente, visto que os modelos clássicos da Psicologia do Trabalho voltados para o atendimento de organizações tradicionais não são compatíveis com as organizações solidárias. A atuação profissional neste campo é geralmente voltada para a gestão dos recursos humanos nas organizações, mas acreditamos, tal como coloca Sampaio (1998), que a Psicologia do Trabalho deva buscar compreender o trabalho humano em todos os seus significados e manifestações.

Os conhecimentos da Psicologia Social, principalmente os estudos sobre processo grupal (Carlos, 1998), foram importantes para o desenvolvimento do trabalho de intervenção na cooperativa de costureiras. Vimos a importância de se trabalhar a partir das demandas dos coletivos de trabalhadores, sem impor modelos prontos, mas desenvolvendo um trabalho de apoio psicológico centrado no fortalecimento do vínculo grupal.

A intervenção na cooperativa teve uma etapa com reuniões, coordenadas pelas bolsistas de extensão, nas quais se trabalhava temas pertinentes ao grupo, através de dinâmicas de grupo. Em outra etapa se optou por uma intervenção com contatos sistemáticos, sem planejamento estruturado das atividades. Os dois tipos de atividades são complementares, mas certamente as reuniões planejadas, que permitiram ao grupo

vivenciar suas dificuldades de relacionamento no trabalho, foram bem mais produtivas para o fortalecimento dos laços grupais. Esta constatação fez com que a partir do presente projeto fosse possível elaborar uma proposta de intervenção em módulos vivenciais a ser desenvolvida com coletivos solidários.

Nosso objetivo principal com este projeto foi o de fortalecer as organizações solidárias. Foi possível trabalhar neste sentido principalmente com a cooperativa de costureiras, entretanto o contato com outros coletivos de trabalhadores nos mostrou o quanto um apoio externo é fundamental para sua sobrevivência. Observamos que freqüentemente a criação, manutenção e desenvolvimento desse tipo de organização depende de apoio de educadores (professores de escolas técnicas, da secretaria de educação ou da própria universidade), de sindicalistas ou de técnicos de outras entidades, como a OCESC e a ANTEAG. Pretendemos continuar oferecendo este tipo de suporte social, mas achamos fundamental estimular a autonomia dos coletivos de trabalhadores, por esta razão finalizamos nossa intervenção junto à cooperativa de costureiras deixando em aberto a continuidade do trabalho, retomando as atividades apenas quando surgirem novas demandas das cooperadas.

O questionário elaborado pela equipe revelou-se um instrumento de avaliação eficaz dos coletivos solidários, já que foi possível detectar cooperativas que não funcionam efetivamente como coletivos solidários, mas muito mais como empresas de intermediação de mão de obra. Sendo assim, tal instrumento foi aprimorado com vistas à continuidade de sua utilização em 2003.

Outro resultado esperado foi a capacitação das bolsistas, alunas do curso de graduação em Psicologia, para atuar junto ao atual contexto do mundo do trabalho. Neste sentido nossa avaliação é bastante positiva, já que as alunas tiveram contato prolongado com um grupo de trabalhadoras com uma série de dificuldades, que elas tiveram que contornar. Desde as dificuldades de agendamento de reuniões, até a proposta de técnicas de trabalho grupal adequadas para pessoas com baixa escolaridade e pouco acostumadas com o debate e a tomada de decisões coletivas. Neste sentido, consideramos importante que outros alunos de Psicologia possam passar por experiências semelhantes, de adaptação do conhecimento aprendido na universidade à realidade do trabalho em organizações solidárias.

Conclusões

Os resultados alcançados até aqui mostram que a parceria entre a UFSC e a comunidade é bastante enriquecedora para os dois lados. A partir do nosso ponto de vista, como professora e aluna da UFSC, o desenvolvimento deste projeto de extensão foi uma oportunidade de colocar em prática conhecimentos teóricos e, mais do que isto, repensar esses conhecimentos à luz da complexa realidade que envolve as organizações solidárias de trabalhadores. Como foi apontado antes, precisamos adaptar técnicas tradicionais, como as dinâmicas de grupo e a aplicação de questionários, às características dos membros da comunidade que estava sendo atendida por nós. Precisamos também buscar conhecimentos de outros campos científicos, entre os quais a economia e a sociologia, confirmando na prática que a interdisciplinaridade é uma necessidade para quem pretende intervir em uma realidade complexa.

Os resultados positivos deste projeto de extensão mostram a importância de que a universidade se volte para a comunidade neste âmbito. No caso específico da cooperativa de costureiras, na reunião final de avaliação do projeto de extensão, realizada em dezembro de 2002, as sócias da cooperativa fizeram uma avaliação positiva do trabalho, particularmente pelo fato da equipe ter realizado um acompanhamento de longo prazo e não apenas haver coletado dados de pesquisa. Esta cooperativa tem sido procurada por pesquisadores de diversos cursos de graduação e pós-graduação da UFSC, bem como de outras universidades. Muitas vezes estes pesquisadores coletam dados e não dão qualquer retorno às cooperadas, o que gera expectativa e descrença quanto às atividades propostas por professores e estudantes da universidade. Durante o trabalho tivemos que contornar essas expectativas negativas, por isso consideramos importante ressaltar que futuras propostas de intervenção e/ou pesquisa UFSC deveriam sempre incluir algum tipo de retorno às comunidades que participam de projetos acadêmicos.

Em termos dos resultados para a comunidade, no caso as organizações solidárias, vimos o quanto esse tipo de organização tem dificuldade de inserir-se no mercado, requerendo todo apoio possível. Apesar de pautadas em uma proposta coletiva e solidária, elas devem competir com outras organizações muito mais adaptadas à nossa realidade. Nossa experiência com a cooperativa de costureiras mostrou-nos o quanto é importante apoiar estes trabalhadores não só em questões objetivas (financeiras,

comerciais, administrativas etc.), mas também na dimensão subjetiva. Neste sentido foi fundamental desenvolver um trabalho de resignificação das identidades profissionais, bem como buscar fortalecer o vínculo grupal e as identidades coletivas.

Os trabalhadores vêm sendo formados para exercerem papéis de empregados, na medida que estes se deparam com uma realidade nova, na qual de subordinados passam a ser donos do negócio, mudando a identidade dessas pessoas no contexto do trabalho. A importância do trabalho da psicologia é preparar esses trabalhadores, no sentido de romper com velhos papéis e assumir outros que são requeridos pelas novas organizações.

O contato com as organizações solidárias reiterou nosso questionamento inicial a respeito do potencial emancipatório destes coletivos populares. Fazer parte de uma cooperativa ou associação é antes de tudo uma estratégia de sobrevivência diante da crise de emprego, ou mesmo uma forma de complementação de renda. É possível constatar que os integrantes das organizações solidárias não mostram qualquer pretensão de transformação social. Sendo uma tarefa fundamental levá-los a uma reflexão que supere a perspectiva individualista da sobrevivência, despertando uma vocação coletiva e solidária.

A importância comunitária deste projeto de extensão foi principalmente percebida na cooperativa de costureiras, sendo possível observar resultados positivos ao longo da intervenção realizada. Na medida em que se trabalhava para fortalecer o trabalho coletivo desse grupo, estimular a autonomia e a solidariedade nas cooperadas e dessa forma, aprimorar suas relações de trabalho, observou-se também um funcionamento mais integrado da organização. Algumas dificuldades administrativas foram superadas (distribuição de tarefas, troca de papéis, precisão nos prazos a cumprir, aumento da qualidade do serviço etc), aumentando a qualidade de trabalho e capacidade produtiva do grupo (maior número de encomendas e de produção). Além disso, nossa assessoria estimulou a organização e suas integrantes a desenvolverem um novo olhar sobre si mesmas, possibilitando sair do papel cristalizado de vítima das injustiças sociais, para ressurgir um novo papel, compreendendo sua participação nas dificuldades enfrentadas, encontrando, assim, novas saídas, resgatando seu poder e autonomia.

Enquanto contribuição acadêmica vislumbrou-se um novo olhar psicológico frente a organizações tradicionais de trabalho, saiu-se do que a psicologia habitualmente

ensina, estimulando, ampliando e compartilhando um novo saber dentro da Psicologia Social e, sendo assim, pôde-se perceber que há muito mais a fazer, muito mais a contribuir. O trabalho nessas organizações possibilitou o aprendizado da importância do trabalho com o grupo, as vantagens em ver a instituição como um todo para daí seguir a trabalhar as partes, mas sem nunca perder a visão geral do grupo.

Consideramos, ainda, importante destacar que este projeto ao propor uma nova perspectiva de atuação no campo da Psicologia Social e do Trabalho, requer uma intervenção de longo prazo. Os resultados apresentados mostram os alcances e limites do trabalho desenvolvido ao longo do ano de 2002. A continuidade do presente projeto abre espaço para a ampliação e aprimoramento de nossa proposta de intervenção.

** A revisão deste texto contou com a colaboração das bolsistas de extensão e alunas de graduação em Psicologia Gleice Schürhaus da Silva e Juliana Klein Rabello.*

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

CARLOS, Sérgio A. O processo grupal. In: JACQUES, Maria da Graça et al. **Psicologia social contemporânea**: Petrópolis: Vozes, 1998, p. 199 -206.

MACHADO, L. C. Pinheiro e RIBAS, Clarilton. **Economia solidária**: solução ou engodo? UFSC, mimeo, 2001.

MATTOSO, Jorge. **O Brasil desempregado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

POCHMANN, Márcio. **O emprego na globalização**. São Paulo: Boitempo, 2001.

SAMPAIO, Jáder. Psicologia do Trabalho em três faces. In: GOULART, Íris;

SAMPAIO, Jáder. **Psicologia do Trabalho e Recursos Humanos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 19 - 40.

SINGER, P. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. São Paulo: Contexto, 2000.